



LEITURA LITERÁRIA E TECNOLOGIA: INTERSEÇÕES ENTRE LETRAMENTO LITERÁRIO E LETRAMENTO DIGITAL PARA A LITERATURA ELETRÔNICA

LITERARY READING AND TECHNOLOGY: INTERSECTIONS BETWEEN LITERARY LITERACY AND DIGITAL LITERACY

José Etham de Lucena Barbosa Filho  <https://orcid.org/0009-0004-1598-2307>
Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal da Paraíba
ethamlbf2@gmail.com

Marinês Andrea Kunz  <https://orcid.org/0000-0001-8964-1573>
Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal da Paraíba
marinesak5@gmail.com

DOI: [https:// 10.5281/zenodo. 18227735](https://10.5281/zenodo.18227735)

Recebido em 19 de fevereiro de 2025

Aceito em 17 de outubro de 2025

Resumo: Este artigo investiga as interseções entre o letramento literário e o letramento digital, analisando como a tecnologia pode potencializar ou limitar o acesso e a apreciação da literatura. Como a tecnologia influencia o letramento literário? Quais são as oportunidades e os desafios dessa relação à luz das novas perspectivas textuais? A metodologia adotada baseia-se em uma revisão bibliográfica, contemplando conceitos fundamentais do letramento literário (Cosson, 2016, 2020), do letramento digital (Gilster, 1997; Lankshear; Knobel, 2008) e da literatura eletrônica e teoria das mídias (Aarseth, 1997; Hayles, 2005; Kittler, 2016). O estudo também dialoga com perspectivas sobre o impacto das textualidades digitais na leitura e coteja repositórios, obras brasileiras e estrangeiras de literatura digital, propondo brevemente práticas em sala de aula. Os resultados indicam que a literatura contemporânea e a leitura literária ocorrem em um contexto de mídias convergentes, no qual a digitalização modifica as práticas de recepção e interação com os textos. Além disso, argumenta-se que uma compreensão mais ampla dos objetos técnicos pode enriquecer o ensino da literatura, promovendo uma abordagem mais integrada entre cultura e tecnologia.

Palavras-chave: Letramento literário. Letramento digital. Literatura e tecnologia. Textualidades digitais. Educação.

Abstract: This article investigates the intersections between literary literacy and digital literacy, analyzing how technology can enhance or limit access to and appreciation of literature. How does technology influence literary literacy? What are the opportunities and challenges of this relationship in light of new textual perspectives? The methodology adopted is based on a literature review, covering fundamental concepts of literary literacy (Cosson, 2016, 2020), digital literacy (Gilster, 1997; Lankshear; Knobel, 2008) and electronic literature and media theory (Aarseth, 1997; Hayles, 2005; Kittler, 2016). The study also discusses perspectives on the impact of digital textualities on reading and compares repositories and Brazilian and foreign works of digital literature, briefly proposing classroom practices. The results indicate that contemporary literature and literary reading occur in a context of converging media, in which digitization modifies the practices of reception and interaction with texts. Furthermore, it is argued that a broader understanding of technical objects can enrich the teaching of literature, promoting a more integrated approach between culture and technology.

Keywords: Literary Literacy; Digital Literacy; Literature and Technology; Digital Texts; Education.

1 Introdução

Do final do século XX aos dias de hoje, vemos uma presença maior de textos literários no contexto digital e eletrônico. Embora seja trivial hoje em dia apontar a convergência da literatura em outras mídias e suportes, levando em conta a massificação dos aparelhos eletrônicos – computadores e *smartphones* –, é certo afirmar que esses dispositivos alteram a maneira como interagimos com os textos literários, seja na sua produção, recepção ou comercialização. Essa convergência de suportes, mídias e conhecimento de novas práticas de interagir textos passou a ser chamado de letramento digital (Lankshear; Knobel, 2008).

Conforme Blumenberg (2023), em uma sociedade letrada, os textos se tornam mediadores da nossa interação com o mundo, sobretudo quando culturalmente esses textos estão presentes sob diferentes atividades: o entretenimento, a criação estética, a peça publicitária, os documentos da Administração estatal *etc.* incluem variadas esferas da vida humana em que textos circulam por meios e razões diferentes. A questão ganha complexidade ao lidarmos com textos veiculados no meio digital e eletrônico, os quais adquirem forma e formato próprios (Thompson, 2021; Aarseth, 1997; Hayles; 2005), o que resulta em práticas específicas de consumo desses textos.

A leitura literária, por outro lado, desempenha um papel de extrema relevância no contexto cultural contemporâneo, sendo uma prática que transcende o simples ato de ler para se tornar uma experiência transformadora e enriquecedora para o indivíduo. A literatura, entendida como um legado acumulado ao longo de séculos de história humana, representa não apenas um repositório de obras artísticas, mas também um instrumento fundamental para a exploração e a compreensão das múltiplas possibilidades da linguagem, tanto escrita quanto falada (Cosson, 2016). Além disso, o contato com a diversidade humana por meio da atividade literária é de tal maneira significativo que o acesso à literatura deveria ser elevado, conforme Antonio Candido (2023), ao status de direito. Para Candido (2023), a literatura não é apenas uma forma de entretenimento ou um exercício intelectual, mas um instrumento e meio essencial para a humanização do indivíduo. Ao nos permitir entrar em contato com visões de mundo distintas, a literatura nos capacita a nos colocar no lugar do outro, desenvolvendo a empatia e a compreensão mútua. Esse processo de identificação com personagens, narrativas e contextos diversos nos leva a uma interação mais profunda e significativa com o mundo ao nosso redor. Por meio da leitura literária, somos convidados a refletir sobre nossa própria condição existencial, a questionar nossas certezas e a ampliar nossos horizontes culturais e emocionais.

Em contraposição ao letramento digital, o letramento literário é uma perspectiva teórica e prática, que objetiva realizar a leitura da literatura no contexto próprio do discurso, visando, na escolarização da literatura, à acepção do corpo literário no amplo rol de tradições de uso da linguagem, sejam elas contemporâneas ou de escolas literárias antigas. Nas palavras de Cosson (2016), o objetivo principal do letramento literário é a efetivação do uso do direito à literatura, tal como proposto por Antonio Candido (2023), isto é, o pleno saber do indivíduo em navegar pela diversidade universal da literatura.

Nesse contexto, a ideia de letramento é fundamental para entendermos a aquisição da escrita e as práticas de leitura nesse novo panorama de textos digitais. Com o surgimento de textualidades digitais, Gilster (1997) cunhou o termo letramento digital, de maneira genérica, como um conjunto de habilidades que permite ao sujeito usar e compreender informações veiculadas em fontes digitais, ou apenas a concepção de letramento na era digital. Dessa forma, podemos perguntar: i) como a tecnologia

influencia a leitura literária? ii) Quais são as oportunidades e os desafios dessa relação à luz de novas perspectivas textuais?

A popularização das tecnologias computadorizadas no final do século passado inaugurou uma era de novos paradigmas de leitura e escrita na contemporaneidade. Esse fenômeno, embora só tenha vindo à tona e ganhado força nas décadas de 1980 e 1990, teve início ainda em meados do século XX, com a invenção dos computadores digitais e a consolidação da cibernética e de tecnologias da informação como áreas do conhecimento científico.

Sabemos então que há relações estreitas entre a literatura e a tecnologia nos dias de hoje. O mesmo pode ser dito da leitura literária na nossa sociedade, a qual se realiza num contexto de mídias massificadas, convergidas ao objeto estético, com novas ferramentas de criação e recepção da literatura. Assim sendo, o presente artigo busca explorar as interseções entre letramento literário e digital e analisar como a tecnologia pode potencializar ou limitar o acesso e a apreciação da literatura. O objetivo aqui proposto é compreender o ensino de literatura e o desafio que a tecnologia junto ao literário traz para a formação de leitores. A metodologia deste trabalho traz uma análise de referencial bibliográfico do letramento, particularmente do letramento literário e digital, da teoria literária, assim como de documentos oficiais de extensão nacional e referenciais teóricos da literatura eletrônica, literatura digital e teoria das mídias.

2 Do letramento literário ao letramento digital: novas perspectivas textuais

No seu livro *Paradigmas do ensino da literatura* (2020), Cosson destrincha os paradigmas do ensino escolarizado da literatura no Brasil. Cosson (2020) ressalta que os paradigmas no campo da literatura e das ciências humanas, incluídas aí as concepções pedagógicas, não são categorias estanques e determinadas temporalmente como são as categorias nas ciências exatas. Diferentemente do estudo de Thomas Kuhn (2018) sobre os paradigmas da revoluções científicas na Física, Química e Engenharia, os paradigmas do ensino de literatura encontram-se sobrepostos historicamente, com concepções do objeto literário concomitantes e, por vezes, concorrentes. Nesse sentido, o letramento literário seria o paradigma mais recente, sendo conceituado no final da década de 1990 por Graça Paulino, oriundo de estudos sobre letramento, ou *literacy*, nos Estados Unidos, e trazido à tona no Brasil pela professora Magda Soares em *Letramento: um tema em três gêneros* (1998).

Segundo Cosson (2016), o letramento literário é entendido como processo de aquisição do corpo literário e o domínio de habilidades que permitem ao indivíduo vagar pelo discurso transformador da literatura. Assim, o letramento literário é ao mesmo tempo uma perspectiva teórica de ensino, uma concepção de literatura e uma metodologia de ensino. Nessa última, a prática de leitura sob essa ótica pode ser realizada a partir de uma sequência didática sugerida que tenta suceder o próprio conceito. Cosson (2016) toma como base a sociedade letrada em que vivemos, onde ler e escrever são essenciais no convívio humano e no progresso social. A aquisição da leitura literária se daria como a aquisição da escrita, abrindo uma nova possibilidade de exploração do mundo, que permite ao leitor aprofundar-se nas suas relações interpessoais e simbólicas.

Portanto, conforme Cosson (2020), ao adotar um sentido amplo de literatura, a concepção do que é um texto literário também se expande com o letramento literário, sendo a literatura:

um conjunto de obras que abarca tanto os textos dados pela tradição e identificados como clássicos e canônicos, quanto aqueles resgatados e ressignificados pela tradição. Também é um conjunto de obras que representa, repensa e reescreve simbolicamente uma comunidade e sua herança cultural, quer esses textos tenham sido legitimados para exercer essa função, quer desafiem e recusem essa legitimidade. É ainda um conjunto de obras que, embora tenha o livro como suporte mais evidente, também se configura em outros impressos e suportes, como vídeos, filmes, produtos digitais, voz e até o corpo. (Cosson, 2021, p. 175)

Nessa abertura dada ao letramento literário, o tratamento da literatura em sala de aula se daria de maneira sistematizada em momentos distintos, configurando ciclos de contato com a obra, nos quais suas camadas de significado seriam progressivamente compreendidas pelo aluno no processo dinâmico de interação com o texto. Dessa forma, a literatura passa a ser abordada não como um conjunto estático de textos isolados, mas como um repertório organizado, o que permite ao estudante transitar por diferentes contextos e tradições literárias, enriquecendo sua formação como leitor crítico. Colocando a literatura como um repertório estruturado e sistematicamente abordado, Cosson (2020, p. 175) inclui os diversos suportes por meio dos quais a literatura pode se manifestar, reconhecendo "instâncias diversas" que lhe conferem existência e relevância no meio acadêmico e escolar.

Entretanto, é válido notar que a abertura dos suportes midiáticos dada ao trabalho com a literatura no letramento literário não é devidamente sistematizada pelo autor, que meramente considera as diversas mídias como expressões da literatura, sem exemplificar, por exemplo

Da mesma maneira, observa-se que o estabelecimento do letramento literário como paradigma da escolarização da literatura leva em conta certas práticas pedagógicas e metodologias específicas, que são fundamentais para garantir a compreensão profunda dos textos trabalhados em sala de aula. Por sua vez, Cosson (2021, p. 183) nos mostra que, em termos de conteúdo, o letramento literário está intrinsecamente ligado à "linguagem literária, compreendida como um repertório de textos e práticas de ler e produzir obras literárias". Isso nos leva a questionar, assim como o professor de literatura no cotidiano escolar, quais práticas pedagógicas e quais repertórios de textos estão inclusos nessa definição abrangente e complexa.

A metodologia proposta por Cosson considera três instâncias fundamentais para a abordagem da literatura: o texto, o intertexto e o contexto¹. Nada disso foge a uma interpretação de caráter crítico-literário, uma vez que a análise de um corpus literário deve situá-lo tanto em sua própria estrutura interna quanto nas relações que estabelece com outros textos e no cenário histórico e material em que se insere. Por conseguinte, Cosson sugere que cada uma dessas instâncias comporta um repertório específico, o qual se desdobra em uma série de relações que compõem a tessitura do texto literário. No caso de textualidades eletrônicas e digitais, os interstícios e as interconexões que emergem do texto ensejam considerações acerca da materialidade em que se inserem e da forma como essa materialidade pode afetar a leitura e a interpretação.

¹ Nota-se, pelo próprio jargão abarcado pelo letramento literário, a herança riquíssima de teorias prévias situadas no âmbito da formação do leitor pelo trabalho das professoras Vera Teixeira Aguiar e Maria da Glória Bordini em *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas* (1988). Essas e outras considerações mostram como o letramento literário não se afirma contemporaneamente como prática unânime no contexto brasileiro, mas se superposiciona historicamente a diferentes concepções que tem contribuído para a prática contemporânea do ensino de literatura no nosso país.

Nessa mesma vertente, verifica-se, conforme Thompson (2021), que os livros digitais possuem formatos e configurações próprias, que mantêm algumas características remanescentes do contexto impresso, mas que, ao mesmo tempo, diferem radicalmente em termos de comportamento, disseminação e recepção por parte do leitor. A dinamicidade e a multimodalidade desses suportes provocam alterações significativas nas práticas de leitura e na forma como o leitor interage com o texto literário. Assim, a abordagem do letramento literário na sala de aula deve considerar uma gama de procedimentos e estratégias pedagógicas que possibilitem a análise da obra em diferentes níveis de compreensão, favorecendo a integração da literatura ao seu contexto histórico, cultural e intertextual. De modo semelhante, o contexto histórico das produções digitais e eletrônicas reflete o avanço científico e tecnológico do último século, o que tem repercussões diretas sobre os múltiplos formatos e meios de disseminação que determinam a recepção contemporânea desses textos por parte dos alunos.

Dessa forma, nos encontramos em um cenário de transformações profundas nas perspectivas textuais, que passam a abarcar contextos multimodais e multicursivos, ampliando as possibilidades de leitura e interpretação da literatura. Embora ofereça uma visão abrangente dos textos literários e de seus diversos suportes, o paradigma do letramento literário, tal como exposto por Cosson (2016), ainda se restringe à consideração do meio material da literatura sem problematizar, de maneira aprofundada, os efeitos que esse suporte pode ter sobre o leitor e, conseqüentemente, sobre a própria experiência da leitura. Cabe, portanto, uma reflexão mais detida acerca da influência da materialidade na recepção dos textos, o que representa um dos desafios para os estudos do letramento literário no contexto contemporâneo.

3 O horizonte tecnológico da literatura: do ergódico ao texto literário eletrônico

Na sua tese de doutorado, intitulada *Cybertext: Perspectives in Ergodic Literature* (1997), Espen J. Aarseth constata que as teorias estruturalistas, semióticas e pós-estruturalistas circunscreviam a literatura ao veículo midiático do livro impresso, tomando-o como um padrão universal. Fazendo isso, essas teorias desconsideravam os efeitos de sentido possíveis caso um texto literário tivesse origem em mídias diferentes. Segundo o autor, essa negligência acarretou “aberrações” teóricas que tentavam adaptar os modelos de análise fechados dessas teorias aos textos literários digitais no final do século XX.

Aarseth é o pioneiro dos estudos do cibertexto circunscrito ao estudo literário. Embora não tenha sido o inventor do neologismo cibertexto, o teórico norueguês será o primeiro a conferir-lhe um tratamento teórico rigoroso. Para Aarseth (1997), o cibertexto é a perspectiva textual da literatura ergódica: um tipo de texto que requer um esforço não trivial do leitor na sua interpretação. Nesse sentido, o que separa os textos literários convencionais de um texto literário ergódico seria a extrapolação daquilo que se considera *trivial* na leitura:

O conceito de cibertexto concentra-se na organização mecânica do texto, posicionando as complexidades do meio como parte integrante da troca literária. No entanto, ele também concentra a atenção no consumidor, ou usuário, do texto, como uma figura mais integrada do que os teóricos da resposta do leitor afirmam. [...] Durante o processo cibertextual, o usuário terá efetuado uma sequência semiótica, e esse

movimento seletivo é um trabalho de construção física que os vários conceitos de leitura não dão conta (Aarseth, 1997, p. 1)².

Com o objetivo de compreender a metáfora midiática e considerar suas especificidades, é necessário explorar os aspectos que diferenciam as mídias digitais das mídias impressas. Ao examinar a produção de livros infantis na intersecção entre a cultura impressa e a digital, Lajolo e Zilberman (2017, p. 102) ressaltam a atividade criativa e incentivada pela “importação de técnicas e processos incomuns no universo do livro”, o que resulta em uma maior atenção às características visuais das obras. Isso reflete a capacidade dos computadores de suportar diversos tipos de mídia, muitos dos quais incorporam protocolos de interpretação e leitura originários das mídias impressas. Conforme Aarseth (1997),

[e]ssa perspectiva pluralista nos ajudará a evitar as armadilhas do determinismo tecnológico e nos permitirá ver a tecnologia como um processo contínuo, e não como uma causa, da expressão humana. [...] muitas das formas de textualidade baseadas em computador têm mais em comum com algumas das mídias de papel do que entre si³. (Aarseth, 1997, p. 19, tradução nossa).

Essa noção de proximidade entre as textualidades digitais e impressas trazida por Aarseth é a ponte a partir da qual podemos tecer relações entre o literário e o digital. O letramento literário dá abertura para pensarmos a literatura de maneira ampla, abarcando suportes e mídias distintas; já a teoria literária como a de Aarseth teoriza a conjunção desses suportes e dessas mídias no tecido literário. Com a textualidades eletrônicas emergentes no final do século XX, principalmente os *Adventure Games* e as ficções interativas (Moura, 2021), percebe-se o quão entrelaçados estão os signos verbais e as mídias que os veiculam. Nesse sentido, Aarseth (1997) propõe a perspectiva textual do cibertexto, um modo de observação da textualidade cuja mídia e suporte determinam a maneira de interpretá-la.

Aarseth (1997) descreve o cibertexto sob uma nova ótica da sua recepção, ou seja, não mais estabelecendo o ato comunicativo entre leitor e texto como algo linear, como faziam os teóricos da Estética da Recepção e da leitura literária, mas na forma de um triângulo interacional que ele denomina máquina textual: texto, leitor e mídia veem-se integrados num sistema de mediação, em que a mensagem verbal é mediada e interfaceada pela mídia técnica (livro impresso, computador, leitor eletrônico, *smartphone* etc.). Nesse sentido, a mídia se torna determinante na maneira como o leitor decodificará os signos verbais do texto, conduzindo a interpretação.

A máquina textual permite uma interação direta do leitor/operador com o signo verbal e a mídia. Assim, a mídia torna-se interface do operador com o signo verbal. Essa relação próxima demonstra muito mais a causalidade de sentido provocada pelo fenômeno midiático se comparado aos aportes da teoria literária legados pelo século XX. Nesse sentido, é válida a crítica de Aarseth (1997) quando percebe que a mídia impressa

² The concept of cybertext focuses on the mechanical organization of the text, by position the intricacies of the medium as an integral part of the literary exchange. However, it also centers attention on the consumer, or user, of the text, as a more integrated figure than even reader-response theorists would claim. [...] During the cybertextual process, the user will have effectuated a semiotic sequence, and this selective movement is a work of physical construction that the various concepts of reading do not account for. (Aarseth, 1997, p. 1)

³ Such a pluralist perspective will help us avoid the traps of technological determinism and let us see the technology as an ongoing process of, rather than a cause of, human expression. [...] many of the forms of computer-based textuality have more in common with some of the paper media than with each other.

nunca foi o padrão da literatura, mas foi instituído pela crítica e a teoria literária para servir a uma padronização de aplicações dos seus pressupostos literários. Em outras palavras, o código impresso é muito mais uma convenção consagrada pela tradição ocidental, a qual entrou numa convergência com as mídias eletrônicas, do que um padrão inerente à literatura.

A descontinuidade da perspectiva teórica que toma o texto impresso como padrão midiático nos leva necessariamente a adentrarmos numa seara ainda pouco discutida pelas Letras. Entretanto, os trabalhos citados nos mostram que muitos dos aspectos dessa convergência midiática na literatura não permanecem inexplorados, mas se consolidam ao longo dos anos. O movimento ganha continuidade quando vemos, por exemplo, o Manifesto da Literatura Digital (Spalding, 2016), que reafirma o compromisso de escritores na existência da literatura, seja qual for a mídia e a materialidade em que apareça:

- 1 – A Literatura Digital é aquela obra literária **feita especialmente para mídias digitais**, impossível de ser publicada em papel;
- 2 – A Literatura Digital busca criar uma **nova experiência de leitura** para o usuário;
- 3 – A Literatura Digital requer um **novo tipo de texto e de autor**;
- 4 – Por literatura entende-se a arte da palavra; portanto, um projeto de literatura digital **deve conter texto**. Não ser um projeto de literatura digital não é ser melhor ou pior, apenas outra coisa, como video-arte;
- 5 – A Literatura Digital é um novo gênero literário, **não substituindo** os gêneros da literatura tradicional em papel ou *e-book*;
- 6 – A Literatura Digital pode ser multimídia, hipertextual, colaborativa, etc, mas **não é necessário** que todos os recursos sejam usados simultaneamente;
- 7 – A Literatura Digital pode ser encarada como uma ferramenta para **incentivar a leitura em ambientes digitais**. Não queremos que um usuário largue um livro para ler literatura digital, e sim que ele largue por 10 minutos seus joguinhos ou redes sociais e leia um projeto de literatura digital;
- 8 – Livro digital **não é** livro digitalizado – confundi-los seria o mesmo que filmar uma peça de teatro e chamar isso de cinema;
- 9 – A Literatura Digital é uma atividade lúdica, mas **não é um jogo**, pois num jogo o “objetivo principal é antes de mais nada e principalmente a vitória” (vide *Homo Ludens*, de Huizinga);
- 10 – Substitui-se aqui o **conceito de livro pelo conceito de obra**, entendido como “um objeto dotado de propriedades estruturais definidas, que permitam, mas coordenando-os, o revezamento das interpretações, o deslocar-se das perspectivas” (vide *Obra Aberta*, de Umberto Eco) (Spalding, 2016, n.p, grifos do autor)

De acordo com o manifesto de Marcelo Spalding, a Literatura Digital possui uma especificidade midiática – “impossível de ser publicada em papel” –, ao mesmo tempo que se determina entre a literatura como ficção e propositiva de narrativas e o uso do imaginário de outros gêneros do entretenimento, como o jogo eletrônico. Além disso, pede por “um novo tipo de texto e de autor”, reverberando a teorização de Aarseth (1997) acerca do cibertexto como nova perspectiva textual, embora a questão da autoria seja mais tarde explorada de maneira ampla por outros teóricos sob a ótica da meta-autoria, no caso de cibertextos que geram, de forma procedural ou generativa, por meio de IAs, sequências de signos verbais não preexistentes. Nesses casos, como é estipulado

por Sousa, Arruda e Alvim (2023), a autoria recai sobre a criação da máquina de fazer texto, mas não sobre o texto em si.

Essa breve leitura do manifesto nos mostra que vários aspectos da criação literária são colocados sob suspeita quando integradas à tecnologia, pondo novas perspectivas a serem exploradas com o texto eletrônico e digital, seja no aspecto estrutural, seja na comunicação pragmática que essas textualidades possibilitam. Do ponto de vista da leitura, no entanto, podemos afirmar o enriquecimento de uma perspectiva do cibertexto, que nos coloca numa posição inquiridora quanto aos meios que usamos para ler textos literários. Seja numa roda de conversa, num leitor eletrônico ou na folha de papel avulsa, o texto literário se transmite por uma variedade extensa de mídias que afetam nossa experiência. Para além da psicologia e da fenomenologia da literatura, devemos prestar atenção aos efeitos de sentido provocados pelo objeto técnico em que o texto se insere.

Nessa definição que o autor nos dá, as materialidades físicas do livro, seja em mídia física ou eletrônica, entram na pragmática do discurso literário e convergem na interpretação do leitor. Outro caso que podemos analisar trata da importação de gêneros próprios do meio digital que são traduzidos para o meio impresso. Lajolo e Zilberman (2017) comentam, por exemplo, a obra *Todos Contra Dante* (2008), do escritor gaúcho Luís Dill, texto intermediário que reproduz as páginas de blogues, fóruns e bate-papos online, traduzindo a lógica dos hipertextos na composição da sua narrativa. A narrativa de Dill é exemplo da convergência midiática entre a materialidade impressa e a digital, prospectando uma série de protocolos e atividades leitores comuns às duas materialidades e integrando-a na estrutura narrativa. A obra, no entanto, só demonstra as interconexões possíveis entre as mídias que veiculam a literatura. No contexto de sala de aula, a obra de Luís Dill pode servir, de forma introdutória, a questionamentos sobre a mídia e as possibilidades verbo-visuais da literatura.

Ao longo do século XXI, surgiu uma quantidade notável de repositórios online de obras literárias digitais. A Organização da Literatura Eletrônica⁴ (ELO), fundada em 1999, é a mais antiga e importante instituição da literatura em meios eletrônicos e digitais. Mantida pela Universidade de Washington Vancouver em parceria com universidades do mundo todo, a ELO executa e coordena projetos de museologia, recuperação, crítica literária, oficinas e antologias voltas para Literatura Eletrônica. Entre os projetos mantidos pela instituição está o The NEXT⁵, um museu digital voltado para preservação e história da literatura eletrônica. Outrossim, a ELO publica coletâneas de obras digitais de escritores de diversas nacionalidades.

É preciso destacarmos a presença de obras brasileiras nessas coletâneas, a saber, do próprio Marcelo Spalding em *Minicontos Coloridos* (2013), uma obra de ficção sintética que utiliza a gradação das cores e seus tons na constituição das pequenas narrativas (Fig. 1).

⁴ Electronic Literature Organization (ELO) - <https://eliterature.org/>.

⁵ The Next - <https://the-next.eliterature.org/>.

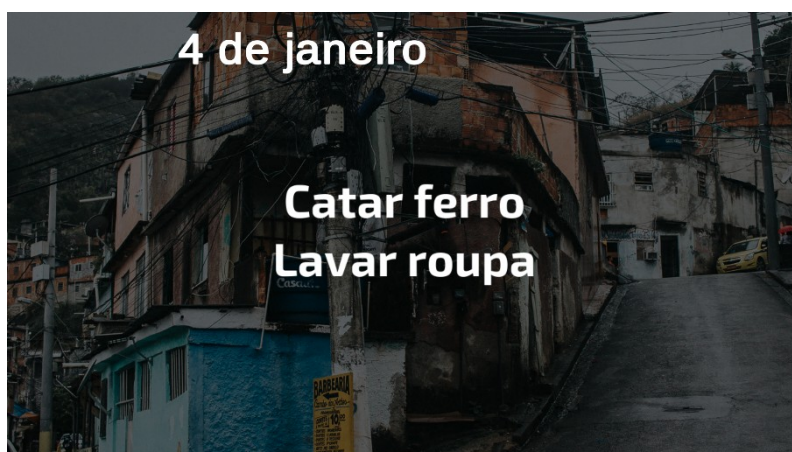
Figura 1 – Tele inicial da obra *Minicontos coloridos* (2013)

Fonte: Spalding (2013)

Minicontos coloridos (2013) propõe uma dinâmica interativa simples porém potente. O leitor/interator pode selecionar a gradação das cores vermelho, verde e azul, gerando uma coloração e um miniconto relativo aquela cor. No caso da Figura 1, temos o vermelho em 25% e ambos verde e azul em 0%. Tal combinação gera o seguinte miniconto: “Meu coração secou ao te ver abrir a garrafa de vinho com ela”, da autoria de Lisiane Veleda, uma entre os vários autores que colaboraram com Spalding na criação da obra. Ao todo, a obra contém 125 minicontos, que podem ser explorados e mapeados, por exemplo, em sala de aula. As cores do gradiente podem ser motivadoras de novas histórias, possibilitando o trabalho de escrita criativa e colaborativa entre alunos.

No mesmo volume da coletânea da ELO, encontra-se o hipertexto interativo *Quarto do esquecimento* (2018), de Vinícius Rutes Henning, que propõe uma releitura da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus. Apoiando-se no hipertexto e interatividade, Henning transporta o leitor para as escolhas diárias de Carolina, substituindo a leitura sequencial pela exploração espacial do hipertexto. A cada passagem do diário, o leitor é dado duas escolhas: o que fazer ao longo dia e; o que fazer antes de dormir? (ver Figura 2) Mais do que uma adaptação, a obra atua como um dispositivo de memória e simulação da própria vivência do narrador em primeira pessoa.

Figura 2 – Escolha entre hipertextos em *Quarto de esquecimento* (2018)



Fonte: Henning (2018)

Outro exemplo possível é da obra *Gorogoa* (2017), desenvolvido por Jason Roberts e publicado pela Annapurna Interactive. A obra visual de Roberts — composta de ilustrações desenhadas à mão — explora a relação de um garoto com a criatura mítica Gorogoa, atravessando temas como a guerra, a pobreza e a perda da inocência. A narrativa se desenrola por meio de um quebra-cabeças de imagens que se sobrepõem, onde o jogador deve manipular uma grade de quatro quadros para formar novas combinações de sentido. Sem o uso de diálogos ou texto explicativo, a obra confia inteiramente na narrativa ambiental e na associação visual do leitor. O ato de jogar torna-se um exercício interpretativo da lógica entre as imagens. Na Figura 3, observa-se a transferência do quadro da porta de um quadrado para o outro, revelando um jardim e, ao mesmo tempo, modificando o cenário para que o protagonista avance o cenário. O jogador precisa encontrar conexões ocultas entre a arquitetura, a natureza e os diferentes estágios da vida do personagem, transformando a fragmentação do cenário em uma jornada coesa de reconstrução e memória.

Figura 3 – Justaposição e sobreposição de quadros em *Gorogoa* (2017)



Fonte: Roberts (2017)

Essa convergência, contudo, não se estabeleceria de forma imediata e plenamente harmoniosa, dado que persiste em nossa cultura um profundo estranhamento em relação à possibilidade de equiparação entre os objetos de linguagem, sobretudo aqueles voltados para a fruição e o deleite estético, e a tecnologia, frequentemente compreendida como seu oposto antitético. Esse distanciamento reflete uma tensão histórica e cultural, na qual a tecnologia é percebida como um domínio distinto e até mesmo antagonico ao universo da criação artística e literária, gerando uma resistência significativa à ideia de que ambos os campos possam coexistir ou mesmo se influenciar mutuamente.

A respeito dessa dicotomia, Kittler (2016) argumenta que, ao longo de um extenso período, o literário e o tecnológico foram construídos como esferas estranhas entre si, havendo uma notável relutância em aceitar os impactos das mídias eletrônicas sobre os textos literários. Em sua obra *The Noise of Culture: Literary Texts in a World of Information* (1988), William aborda a literatura e a tecnologia como um par antitético, evidenciando a forte resistência dos teóricos literários em conceber o objeto estético como integrado ao objeto técnico. Paulson (1988), por sua vez, explora como o conceito de informação, tal como formulado pela cibernética, abarca um campo semântico vinculado à comunicação, o qual foi sistematicamente rejeitado pela teoria literária durante décadas. Essa rejeição decorre, em grande parte, da percepção de que a comunicação tecnológica reduz o fenômeno literário a uma mera transmissão de sinais, em detrimento da complexidade dos signos e de suas camadas de significado. Enquanto a comunicação tecnológica opera de maneira funcional, desprovida de ambiguidades, metáforas e figuras de linguagem que poderiam comprometer sua eficácia, a literatura se inscreve em um processo criativo marcado pela liberdade e pela reinvenção constante, no qual as regras de interação entre a obra e o leitor se transformam a cada novo romance, conto ou poema. É justamente essa rejeição histórica de uma aproximação entre a estética e a tecnologia que contribui para a perpetuação de uma separação cultural entre as obras literárias e os meios tecnológicos, como se fossem formas de expressão artística intrinsecamente incompatíveis.

Outra perspectiva se torna possível numa leitura de Gilbert Simondon e sua gênese dos objetos técnicos. Simondon (2020) defende os objetos técnicos como parte integrante e essencial da cultura humana, já que diferenciá-los da cultura resultaria em uma “idolatria da máquina”, na qual “nasce um tecnicismo descomedido [...] uma aspiração tecnocrática ao poder incondicional” (Simondon, 2020, p. 44). O filósofo francês argumenta a favor de uma conscientização sobre as máquinas e seus efeitos na cultura humana, visto que

[a] cultura é desequilibrada, pois reconhece certos objetos como o objeto estético, e lhes confere o direito de cidadania no mundo das significações, mas remete outros objetos, em particular os objetos técnicos, para o mundo sem estrutura daquilo que não possui significação, mas apenas uso, função útil. (Simondon, 2020, p. 44).

Dito isso, acreditamos que uma compreensão mais aprofundada sobre os objetos técnicos que permeiam nosso cotidiano pode enriquecer significativamente a prática da leitura literária, uma vez que essa compreensão remete à noção de *interface* enquanto elemento mediador não apenas entre usuários humanos e artefatos tecnológicos, mas também entre o leitor e o livro enquanto objeto cultural e tecnológico. Essa perspectiva dialoga diretamente com as reflexões de Gilbert Simondon no seu livro *Do modo de existência dos objetos técnicos* (2020), no qual destaca a importância de

desmistificar a dimensão técnica, integrando-a ao âmbito cultural. Simondon (2020) não apenas analisou a relação entre humanos e máquinas, mas também defendeu, de forma pioneira, a implementação de uma educação tecnológica básica, capaz de romper com a visão reducionista que separa o técnico da cultura. Sua proposta visava superar a alienação dos indivíduos em relação às potencialidades da tecnologia, promovendo uma abordagem crítica e participativa. No contexto brasileiro, algo semelhante foi institucionalizado por meio do *Complemento à BNCC* (2022), que incorpora o ensino de Computação na Educação Básica com o objetivo explícito de fomentar uma compreensão holística da tecnologia, descrita como "uma área de conhecimento que contribui para explicar o mundo atual e ser um agente ativo e consciente de transformação, capaz de analisar criticamente seus impactos sociais, ambientais, culturais, econômicos, científicos, tecnológicos, legais e éticos" (Brasil, 2022, p. 11).

A adoção desse marco normativo representa um avanço significativo na articulação entre tecnologia e educação, incluindo a leitura literária, pois fornece um respaldo legal para a integração curricular de competências digitais e críticas. No entanto, por se tratar de uma política recente, seus efeitos práticos no ambiente escolar ainda não são plenamente mensuráveis, demandando estudos longitudinais para avaliar sua eficácia. Apesar disso, o documento já sinaliza uma orientação pedagógica clara ao reconhecer a tecnologia como eixo transversal, o que pode facilitar futuras iniciativas interdisciplinares. Gomes (2014), ao discutir os desafios da leitura mediada por interfaces tecnológicas, chama atenção justamente para a necessidade de superar dicotomias entre "humanidades" e "técnica", questionando como as ferramentas digitais podem ser incorporadas ao ensino de forma crítica, evitando tanto a instrumentalização superficial quanto a resistência infundada. Sua análise reforça a urgência de abordagens que, alinhadas às premissas da BNCC, equilibrem capacitação técnica e reflexão humanística.

no atual contexto, em que as tecnologias digitais alcançam cada vez mais abrangência, ensinar a ler textos literários de modo crítico requer da escola e dos educadores que eles compreendam como a tecnologia pode ser explorada para facilitar o acesso ao conhecimento e, consequentemente, o despertar de um papel social. O computador, por exemplo, afeta as práticas de ensino de diversas formas, seja dando acesso ao enorme repositório de informação que é a internet; seja propiciando ferramentas que possibilitem a leitura e a produção de textos; ou ainda permitindo a apreciação de diversos recursos midiáticos simultaneamente, como textos verbais escritos ou orais, imagens estáticas, imagens em movimento, músicas, dentre outros, que juntos colaboram para a transmissão de significados e novos valores estéticos em textos híbridos. (Gomes, 2014, p. 76)

Com isso em mente, é importante, na relação entre letramento literário e digital, a atenção às maneiras como os aparelhos tecnológicos influenciam, determinam e potencializam o trabalho estético. Dito isso, acreditamos que uma compreensão maior sobre os objetos técnicos que nos rodeiam pode contribuir na definição de uma leitura literária de romances ergódicos, pois remete à concepção de interface que medeia os usuários humanos de artefatos tecnológicos, assim como ocorre entre o leitor e o livro. Situar contextualmente essa perspectiva é de suma importância, visto que desfaz a compreensão de estranhamento que o técnico e o estético possuem na nossa cultura cada vez mais cercada pela tecnologia.

Tal qual os teóricos da Estética da Recepção na década de 1960, os textos literários e sua recepção devem ser colocados sob suspeita, atentando-se para seu contexto midiático nos episódios históricos da tecnologia que o veicula, os quais

determinam a maneira como serão interpretados. Conforme Wolfgang Iser (1999), a ficção estabelece uma situação comunicativa específica entre leitor e texto, a qual permite a dimensão de uma estética negativa que opõe o mundo do texto e o mundo empírico. Nessa perspectiva, a teoria literária de Iser prestava atenção aos aspectos funcionais e pragmáticos do texto literário, sem considerar a faceta material que carrega e dá suporte ao texto.

No prolongamento da sua Teoria do Efeito Estético, o qual ganhou o nome de Antropologia Literária, Iser (2013) considera a ficção de maneira generalizada, como produto da atividade e necessidade humana de ficcionalizar mundos possíveis. Nesse prosseguimento, vê-se ainda a insistência numa estética que privilegia a perspectiva leitora, mas que se atém demasiadamente na estrutura textual e sua função. Mesmo com a inclinação recepcional, o teorização sobre o efeito estético assume, como apontou Aarseth (1997), a mídia impressa como pressuposto dessa recepção.

Com isso, observamos uma profunda transformação no paradigma da leitura e na maneira como ela deve ser compreendida. Como bem destaca Lucia Santaella (2012, p. 230), “os leitores vêm para a literatura eletrônica com um horizonte de expectativas que é próprio da literatura impressa”. Essa afirmação nos leva a refletir sobre como a transição para o digital não se limita apenas a uma mudança de suporte, mas também exige uma reconfiguração das expectativas e dos modos de interpretação. Em outras palavras, “a literatura eletrônica não pode ser vista com as mesmas lentes da literatura impressa, pois isso implica não vê-la de modo algum”. Essa distinção é crucial, uma vez que a literatura eletrônica opera em um espaço dinâmico, interativo e multimodal, que desafia as convenções lineares e estáticas do texto impresso.

Essa diferença fundamental está enraizada na própria natureza das tecnologias do texto. Como apontam Treharne e Willan (2020, p. 2), “a ideia de texto é abstrata, mas nosso meio de percebê-lo é sempre físico e concreto – aquilo que chamamos de tecnológico, enraizado na práxis e na *technē*”. Ou seja, a materialidade do texto, seja ele impresso ou digital, não é um mero detalhe, mas um elemento constitutivo de sua recepção e interpretação. A transmissão do significado não ocorre apenas por meio do conteúdo textual, mas também através da forma tecnológica que o sustenta, exigindo *know-how*, ferramentas específicas e um substrato adequado. Nesse sentido, a leitura de um texto digital não se resume à decodificação de palavras, mas envolve a interação com interfaces, hiperlinks, animações e outros recursos que redefinem a experiência do leitor.

Um exemplo elucidativo dessa transformação pode ser encontrado na análise de Kittler (2016, p. 56), que compara o processo de recepção e decodificação das mensagens na mídia, baseado principalmente na teoria da comunicação matemática de Claude Shannon. Enquanto no livro tradicional a decodificação ocorre quase que exclusivamente no ato da leitura, nas mídias técnicas complexas, como as digitais, o processo é mediado por uma série de camadas tecnológicas que influenciam diretamente a forma como a mensagem é recebida e interpretada. Isso nos leva a questionar não apenas como lemos, mas também como as tecnologias moldam nossa compreensão e nossa relação com o texto, abrindo novas possibilidades e desafios para a literatura e a cultura no século XXI:

como a televisão, um sinal elétrico, que não é percebido por nenhum órgão sensorial, deve ser transformado para um formato que corresponda de alguma maneira à fisiologia do nosso olho. Principalmente em mídias digitais como o processamento de imagens eletrônicas, essa transformação requer uma conversão digital-analógico para os órgãos sensoriais humanos. O que se vê no final é apenas a última camada, superior, de uma série de truques mágicos

que, antes de tudo, precisavam ser inventados, calculados e otimizados. (Kittler, 2016, p. 56)

A transposição técnica do analógico para o digital e vice-versa estende-se às tecnologias textuais, permitindo à literatura ser transmitida por canais outros que vão além do contexto impresso. Outrossim, mesmo quando seu destino é o livro, como coloca Katherine Hayles (2009, p. 63-101) ao falar de intermediação e remediação entre o digital e o analógico, a produção textual do autor e o fazer editorial contemporâneo ocorrem majoritariamente no contexto computacional, utilizando *softwares* de processamento de texto e *layouts* de impressão e publicação eletrônica standardizados pelo fazer técnico envolvido nesses procedimentos.

Levando em conta as questões técnicas envolvidas na literatura eletrônica, não só vemos o deslocamento da literatura do seu contexto midiático, mas a formulação de um novo espaço de presença, dominado em grande parte por um saber técnico. Nesse sentido, é preciso que a aura técnica não sobreponha o literário, de forma que o contato com a linguagem artística, com o uso literário, ficcional e poético da palavra seja obnubilado, de forma que seja pretexto para o ensino de tecnologias digitais.

Assim, considerando a bibliografia que citamos e comentamos, podemos levar em conta certos parâmetros para conectar as intersecções entre o literário e a tecnologia: i) a leitura literária deve ser entendida como direito e atividade humanizadora do ser humano; ii) a literatura se mostra no amplo conjunto de obras e textos literários que são veiculados em diversos suportes e mídias, nisso se inclui o eletrônico e o digital; iii) a tecnologia auxilia e potencializa trabalhos literários, mas não necessariamente; vi) o desenvolvimento da competência da leitura literária no contexto do letramento é o âmbito próprio para a convergência entre a leitura e a tecnologia.

Ademais sobre esse último ponto, é importante destacarmos o papel da sala de aula para que esse desenvolvimento de competências leitoras aconteça. Cosson (2016, 2020) coloca o papel do professor no ensino de literatura como arquiteto da experiência estética do livro com os alunos. Nesse sentido, o texto literário não possuiria um conteúdo em si, anterior a sua experiência junto ao leitor, mas seu sentido deve ser construído no seu contato com o receptor. Enquanto o primeiro determina um aspecto metodológico próprio, o segundo vê o texto literário como a figura do método, isto é, seu meio já está dado, é a própria literatura, as estratégias e metodologias decorrem do próprio processo de interpretação.

Uma posição intermediária seria possível se pensarmos na Literatura Eletrônica e Digital, visto que são textualidades que pedem por mediações específicas e inusuais à literatura convencional? Uma forma de pensar o caso na perspectiva contemporânea é colocar o texto como o centro da aula e as mediações, estratégias e metodologias serem o material de trabalho do docente de literatura. A tecnologia por si só é um objeto técnico de mediação entre diversos conteúdos, sua presença em sala de aula deve exercer o papel de admitir e amplificar o contato e os processos que ali ocorrem.

4 Considerações Finais

A partir da análise realizada, podemos observar a interseção entre letramento literário e letramento digital, percebendo que ambos compartilham objetivos semelhantes no que tange à ampliação das possibilidades de leitura e interpretação de textos literários. O letramento literário, conforme proposto por Cosson (2016), busca garantir a efetivação do direito à literatura, promovendo a inserção do indivíduo no universo literário e em suas múltiplas tradições. O letramento digital, de acordo com

Gilster (1997), expande essa experiência para novos formatos e mídias, desafiando as concepções tradicionais do texto e de sua recepção.

O surgimento das textualidades digitais amplia o repertório de possibilidades da literatura, colocando-a em um contexto multimodal, interativo e cada vez mais acessível. Essa nova configuração exige não apenas uma revisão das abordagens teóricas da literatura, mas também uma adaptação das metodologias de ensino, de modo que o potencial da mídia digital possa ser explorado sem perder de vista os aspectos fundamentais da fruição e da análise literárias.

Apesar das oportunidades oferecidas pela convergência entre a mídia literária e a digital, ainda existem muitos desafios. A resistência cultural em aceitar a mídia digital como espaço legítimo para a produção e a apreciação literária reflete uma concepção arraigada que separa a literatura da tecnologia. Conforme apontado por Kittler (2016) e Simondon (2020), é essencial superar essa dicotomia para integrar a tecnologia de forma crítica e produtiva ao ensino e à experiência da literatura.

A recente inclusão da Computação na BNCC (Brasil, 2022) como parte do currículo escolar é um avanço na compreensão da tecnologia como elemento constitutivo da cultura contemporânea. No entanto, a eficácia dessa proposta ainda precisa ser avaliada à medida que sua implementação avança nas escolas públicas do país. Além disso, um projeto curricular que visa ao ensino de Computação vai de encontro à falta de computadores e ao acesso à Internet ainda precário nas escolas, visto que lida com conteúdos e práticas que necessitam de recursos pedagógicos específicos. A proposta, nesse sentido, deve levar em conta recursos, insumos e formação de profissionais docentes direcionados à efetivação desse currículo. Programas como o Escolas Conectadas são um primeiro passo no fomento a essas atividades curriculares, oferecendo a inclusão de educadores na cultura digital com a formação continuada de professores e garantindo a conectividade nas escolas.

Apesar disso, o reconhecimento da tecnologia como meio e contexto para o letramento literário pode ampliar as formas de acesso à literatura e fortalecer sua presença na vida cotidiana dos leitores, especialmente das gerações mais jovens. É um primeiro passo na inclusão concomitante e integrada da educação literária e digital nas escolas, mas sua efetivação requer o investimento adequado nos recursos competentes.

Concluimos que a convergência entre o letramento literário e o digital é um fenômeno instigante e promissor no contexto brasileiro. Uma compreensão crítica da relação entre literatura e tecnologia possibilitará não apenas a preservação da experiência literária, mas também sua renovação e expansão, garantindo que a literatura continue a desempenhar seu papel fundamental na formação cultural e social dos indivíduos.

5 Referências

AARSETH, Espen J. *Cybertext: Perspectives on Ergodic Literature*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

AGUIAR, Vera T.; BORDINI, Maria G. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BLUMENBERG, Hans. *A legibilidade do mundo*. Tradução de Georg Otte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Complemento à Base Nacional Comum Curricular: Computação na Educação Básica*. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In.: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 183-208.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2º Edição. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. *Paradigmas do ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.

DILL, Luís. *Todos contra Dante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOMES, Francisco Wellington Borges. Tecnologias e a leitura de textos literários na escola: um olhar sobre as relações entre o letramento digital e o letramento literário. *Letras em Revista*, Teresina, V. 05, n. 02, jul./-dez, 2014, p. 68-80. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Gomes-5/publication/332303180_Tecnologias_e_a_leitura_de_textos_literarios_na_escola_um_olhar_sobre_as_relacoes_entre_o_letramento_digital_e_o_letramento_literario/links/5cadcdb3b92851ccd4ac05326/Tecnologias-e-a-leitura-de-textos-literarios-na-escola-um-olhar-sobre-as-relacoes-entre-o-letramento-digital-e-o-letramento-literario.pdf Acesso em: 23 mar. 2025.

HAYLES, Nancy Katherine. *My Mother Was a Computer: Digital Subjects and Literary Texts*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

_____. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. São Paulo: Global; Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

HENNING, Vinícius Rutes. Quarto do esquecimento. In.: BERENS, Kathi Inman *et al.* (org.). **Electronic Literature Collection**. vol. 4. [S.l.]: Electronic Literature Organization, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7273/issn.1932-2022.4.quarto-do-esquecimento.work>. Acesso em: 15 dez. 2025.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. v.1: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

KITTLER, Friedrich. *Mídias ópticas: curso em Berlim*, 1999. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

LANKSHEAR, Colin. KNOBEL, Michele (Ed.). *Digital literacies: Concepts, Policies and Practices*. Nova York: Peter Lang Publishing Inc., 2008.

MELO DE SOUSA, Renan; TÔRRES DE ARRUDA, Lorena; DE SOUZA ALVIM, Marcia Cristina. Criação e meta-autoria. **Prisma Jurídico**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 217–231, 2023. DOI: 10.5585/2023.23241. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/prisma/article/view/23241> . Acesso em: 24 mar. 2025.

MOURA, Cláudio Augusto Carvalho. Da ficção interativa à hiperficção: um comentário sobre a gênese da literatura eletrônica estadunidense. *Ilha do Desterro*, v. 74, n. 1, p. 277–305, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/74793>. Acesso em 23 mar. 2025.

PAULSON, William. *The Noise of Culture: Literary Texts in a World of Information*. Nova York: Cornell University Press, 1988.

ROBERTS, Jason. *Gorogoa*. Los Angeles: Annapurna Interactive, 2017. Disponível em: <https://store.steampowered.com/app/557600/Gorogoa/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SANTAELLA, Lucia. Para compreender a ciberliteratura. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 229-240, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2012v8n2p229>. Acesso em 20 jan. 2025

SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SPALDING, Marcelo. *Manifesto Literatura Digital*. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://www.literaturadigital.com.br/?pg=25012> Acesso em 23 mar. 2025

_____. Minicontos Coloridos. In: BERENS, Kathi Inman *et al.* (org.). *Electronic Literature Collection*. vol. 4. [S.l.]: Electronic Literature Organization, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7273/issn.1932-2022.4.minicontos-coloridos.work>. Acesso em: 15 dez. 2025.

THOMPSON, John B. *As guerras do livro: a revolução digital no universo editorial*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

TREHARNE, Elaine; WILLAN, Claude. *Text technologies: a history*. Stanford, California: Stanford University Press, 2020.